

Presidente apóia canonização

SÃO PAULO — O presidente Fernando Henrique foi o convidado de honra na missa *Kewere*, cantada em língua tupi, que o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns celebrou às 18h de ontem na catedral de São Paulo, em comemoração dos 400 anos da morte de José de Anchieta. O missionário jesuíta morreu em 9 de junho de 1597 na aldeia de Reritiba, hoje cidade de Anchieta, no Espírito Santo.

“O comparecimento de Fernando Henrique reforça o empenho que tem demonstrado para ver o maior apóstolo do Brasil ser proclamado santo”, observou padre Roque Schneider, vice-postulador da causa de canonização de Anchieta.

O presidente da República, lembra o padre, aproveitou sua visita

ao Vaticano, em fevereiro, para dizer a João Paulo II que ainda não existe nenhum santo brasileiro. Fernando Henrique presenteou o papa com uma estampa de Anchieta, insinuando que o beato poderia ser o primeiro. Embora seja espanhol de Tenerife, nas Ilhas Canárias, onde nasceu em 1534, Anchieta seria venerado como santo brasileiro porque foi no Brasil que viveu a maior parte de sua vida.

O missionário chegou a Salvador como noviço, aos 19 anos, na terceira leva de jesuítas enviados à colônia. Antes de ser ordenado sacerdote, afirmam as crônicas da época, participou da fundação de São Paulo em 1554 e acompanhou, em 1565, a doação das sesmarias do Rio de Janeiro feita por Estácio de Sá à Companhia de Jesus. Essa ligação com o Rio justificaria a ini-

ciativa de João Paulo II canonizar Anchieta em outubro, quando passará quatro dias na cidade para o 2º Encontro do Papa com as Famílias.

Existe essa possibilidade, mas é pouco provável, porque ainda falta um milagre para o missionário jesuíta ser declarado santo. Anchieta foi beatificado em 22 de junho de 1980, poucos dias antes da primeira viagem de João Paulo II ao Brasil. A beatificação significa o reconhecimento de santidade heróica, mas não dá ao beato o direito universal de culto na Igreja.

O vice-postulador da causa de canonização já enviou ao postulador, em Roma, dois supostos milagres atribuídos a José de Anchieta. O mais sensacional, segundo padre Schneider, é o relato de uma mulher de Cachoeiro de Itapemirim

(ES), que nasceu em 1939 sem o osso do tornozelo e diz ter ficado perfeita 45 dias depois, sem mais explicação, por ter tocado uma relíquia de Anchieta. O problema é que, embora haja mais de 15 depoimentos de testemunhas, não existem radiografias capazes de comprovar a cura extraordinária. O segundo milagre, mais recente, teria beneficiado um baiano que em 1988 se livrou de um tumor na cabeça, após ter sido desenganado pelos médicos. O caso tem pouca chance de convencer o *advogado do diabo* (o promotor encarregado de derrubar os candidatos ao altar) porque, como o paciente foi operado, a cirurgia pode ter funcionado. A solução seria João Paulo II dispensar o milagre, mas é pouco provável que ele faça isso.